

Origens da arquitectura de terra em Portugal

"(...)

3 Primeiro, cravavam forquilhas no chão e, tecendo os vãos com ramos e cobrindo-os de lama, formavam as paredes. Outros, cortando torrões de raízes e secando-os, iam elevando paredes, travadas com alguns madeiros; e para se precaverem de chuvas e sóis, cobriam-nos de canas e folhas. Mas porque telhados destes não podiam sofrer chuvas continuadas, elevavam cavaletes e cobriam de lama os telhões inclinados, que assim iam desviando as águas.

4 Que todas estas coisas tenham tido a origem referida podemos verificá-lo porque ainda hoje as nações estrangeiras fazem as suas habitações nos ditos materiais, como na Gália, Espanha, Lusitânia e Aquitânia, onde as cobrem com placas de cortiça, ou com palha"⁽¹⁾

Assim escrevia Vitruvio no Livro II, Capítulo I "Do princípio dos edifícios", dos célebres *Dez Livros de Arquitectura*. Dado o facto de Vitruvio ter vivido há cerca de dois mil anos, só poderemos concluir que este tipo de construção, se não é autóctone das regiões por ele definidas (Gália, Aquitânia, Espanha e Lusitânia), é pelo menos bastante anterior às colonizações moura e árabe, e poderemos inferir que o deverá também ser relativamente à colonização romana da Península Ibérica. Trata-se da descrição de um dos tipos de arquitectura de terra que ainda hoje encontramos em Portugal, ou seja, em parte das citadas "Espanha" e "Lusitânia". Esta tecnologia de terra é conhecida como taipa no Norte e tabique no Sul de Portugal, tomando em França (Gália e Aquitânia) o nome de *torchis*. Sendo das técnicas de terra menos reconhecidas, ela deve ser contudo das mais antigas: o acto de formar um abrigo de folhas e ramos de árvore é quase instintivo e o seu recobrimento com um material isolante, uma atitude natural. É difusa no tempo e no espaço a origem desta técnica.

É também comum dizer-se que a taipa e os adobes são exclusivos do Sul de Portugal e directa herança árabe. Não deverá ser assim. Segundo narra Plínio-o-Velho, que terá viajado pela Pe-

nínsula Ibérica entre os séculos I e II da nossa era, "(...) em Espanha viam-se torres e atalaias de terra, de remotíssima antiguidade"⁽²⁾, e questiona "Será que em África e na Hispânia as paredes a que chamam muros de terra apisoada, que se recobrem por ambas as partes com dois tablões que os envolvem, não se mantêm firmes com os anos, as chuvas, os ventos, os fogos e são mais firmes que todo o cimento?". Apesar da evidente dificuldade de Plínio em fazer aceitar aos seus contemporâneos as virtudes de resistência e longevidade da "terra apisoada" (ou taipa, pois dela se trata), prova-nos a sua existência muito antes da chegada de mouros ou árabes. Nessa época, faltavam ainda alguns séculos para que as civilizações norteafricanas cá chegassem e aqui se sediassem, o que afasta mais uma vez a possibilidade de terem sido eles os introdutores desta técnica na Península Ibérica, então Hispânia.

No que se refere aos adobes, é profusa a citação da sua existência desde tempos imemoriais. A sua utilização é corrente em todo o Mediterrâneo muito antes do advento da civilização islâmica. A cidade de Jericó, considerada a mais antiga do mundo, foi inteiramente construída em adobes. O estudo das "famílias" dimensionais e de composição das peças utilizadas em toda a vasta região

mediterrânica (onde o actual território de Portugal se situa) pode contribuir para a definição de áreas de influência cultural. Vitruvio, na sua dissertação sobre as dimensões dos adobes (a que chama *later crudo* ou "tijolo cru") no seu Livro II, Cap. III cita um tipo especial de tijolo existente na Hispânia. Diz ele: "(...) 13 Em Calento da Espanha ulterior, em Marselha da Gália e em Pitana da Ásia fabricam-se uns tijolos que uma vez secos, não se fundem em água: isto parece possível porque a terra de que se formam será da natureza da pomes, que por ser tão leve, depois de penetrada pelo ar, não admite humor algum. (...) Estes tijolos são muito úteis, porque não agravam os edifícios com o seu peso; e quando se fazem, não os danificam as chuvas."⁽³⁾ Desconhece-se hoje onde seria Calento (admite-se ter sido na actual Andaluzia) e qual seria o fantástico material, mas o facto é que a referência só tem lugar porque estes adobes se destacavam dos adobes comuns. As medidas de que Vitruvio fala eram baseadas na métrica dos adobes gregos, o que remete para eras anteriores à sua existência.

ANTES DA OCUPAÇÃO ÁRABE

Admitindo o rigor destes autores (de que não haverá que duvidar), conclui-se que as arquitecturas de terra já existem na Península Ibérica (e, portanto, em Portugal) muito antes da chamada ocupação árabe. Não será portanto possível atribuir-lhe a primazia da transmissão do uso da terra como material de construção ou, sequer, na transmissão destas tecnologias. O que parece natural é: cada povo constrói em função dos seus interesses e da sua cultura, com o que tem mais "à mão". E onde havia terra "à mão", desenvolveram-se e optimizaram-se técnicas a ela

relativas. A terra, como material de construção, indicia sedentarização (seria na prática impossível um nómada construir em cada paragem uma nova casa de terra ou de pedra). Os árabes só teriam começado a utilizar a terra como material de construção a partir da sua sedentarização. E a Península, a rica Hispânia, foi sem dúvida um dos locais dessa sedentarização. Não é nossa pretensão levantar a hipótese de ter sido por cá que os árabes absorveram estas tecnologias; essas investigações ficam para os historiadores. Queremos tão só afirmar que o contrário não aconteceu. O conhecimento (e a existência) em território nacional destas três técnicas de terra é anterior em centenas de anos à ocupação árabe da Península. E por cá foi evoluindo e criando acabamentos e estilo próprios, ainda hoje bem distintos do estilo árabe (bem patentes no Al Hambra de Granada ou no *mirhab* de Mértola). O apuro a que chegou a arquitectura árabe de terra torna apetecível fazê-la passar como raiz da nossa própria arquitectura de terra, mas tal não é verdade e as fontes históricas provam o contrário. O facto de árabes e mouros terem por cá vivido durante várias centenas de anos leva a esta confusão, mas tal hipótese não resiste minimamente ao estudo mais superficial. A evolução das técnicas de terra em Portugal fez-se com miscigenações, mas sem uma raiz tão directa e sobretudo tão tardia. O legado mouro do sul do território ainda se poderá divisar, por exemplo, na estrutura urbana de Olhão. Mas é sabido que a ligação do Algarve com Marrocos (na prática, a ligação entre os dois Gharb's) se desenvolveu em ambos os sentidos até aos nossos dias, tendo sido particularmente importante e intensa durante a conquista portuguesa da cintura de praças-fortes de Ceuta a Agadir nos séculos XV e XVI.


APLICAÇÕES E TÉCNICAS DE UM MATERIAL FABULOSO

A terra é um material que existe em (quase) todo o mundo e as suas características variam quase tão infinitamente quanto infinitos são os locais e

as culturas em que existe. De alguma forma, e nesta perspectiva, todos os "segredos" e tecnologias da terra tendem a responder simultânea e adequadamente ao tipo de material existente e às necessidades e à cultura dos povos que os geram. É assim que se vêem tabiques (mais leves mas menos resistentes à água) nos pisos superiores de muitas construções do Douro e das Beiras, bem como nas abas das chaminés ou em compartimentações interiores, um pouco por todo o País. É assim que se vêem espessas taipas nos montes alentejanos, contribuindo para a suavização no interior, das agrestes condições térmicas e de humidade do clima. É também assim que se vê o emprego de adobes no exterior em zonas onde o clima não é tão exigente, ou em divisões interiores quando a dificuldade de obter madeira para tabiques torna o seu uso proibitivo. É também possível ver poços internamente revestidos a adobes (na zona de Cantanhede), tirando partido das suas características de porosidade e de resistência à compressão. Cada tecnologia tem as suas aplicações e desenvolvimentos, adaptando-se subtilmente às exigências humanas. É assim que, mais frequentemente do que se pensa, se nos deparam fortificações, barragens, estradas e até palácios de terra (por exemplo, o Paço Ducal de Vila Viçosa), a maioria das vezes misturando judiciosamente técnicas e materiais vários numa mesma construção. E, porque a necessidade aguça o engenho (e em tempo de guerra...), os americanos chegaram mesmo a construir e utilizar, durante a segunda guerra mundial, pistas de aviação em solo-cimento! Com o fim da guerra, porém, sobreveio o recomendável esquecimento e o retorno a tecnologias mais controláveis e industriais.

PRESERVAR O PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO DE TERRA

Assiste-se hoje à liminar rejeição da terra como material de construção, remetendo as construções que a utilizam para a condição de simples curiosidades ou exemplares de património histórico

já extinto e sem continuidade. É natural. Os interesses que hoje se movem à volta da indústria da construção não podem permitir a concorrência de um material gratuito e facilmente utilizável por todos. Só aos países economicamente irrelevantes é permitida a veleidade da sua utilização, mas só enquanto se mantiverem economicamente irrelevantes. O mesmo aconteceu com as energias renováveis, até ao controle do seu desenvolvimento tecnológico pelas grandes empresas de energia. O futuro não terá abundância de petróleo, tal como não terá também abundância de cimento (até pelo seu elevado consumo desse mesmo petróleo). É por isso de capital importância preservar o nosso património arquitectónico de terra, sem o desvirtuar. Além do mais, a terra é reciclável, não é poluente e tem um comportamento higro-térmico irrepreensível. É por isso mais importante ainda preservar os nossos saberes e técnicas de construção de terra. Neles mergulham as nossas raízes, a nossa cultura e, de alguma forma, as técnicas que um dia servirão para finalmente retomarmos o processo interrompido de evolução deste material tão fabuloso quanto hoje menosprezado e votado ao esquecimento. Estes patrimónios, mais que representar o nosso passado, terão um papel fundamental no nosso futuro comum. Esse futuro que nos dirá que os dez mil anos que a Arquitectura de Terra já leva de existência não foram um erro nem uma jornada que acabou, mas tão só a primeira etapa de um longo caminho. 

⁽¹⁾ *Los Diez Libros de Arquitectura*, de M. Vitruvio Polión, traduzidos do latim e comentados por Joseph Ortíz y Sanz, 1787, reimpresso por Akal Ediciones, 1992, p. 29.

⁽²⁾ *Naturalis Historiae*, de Plínio Segundo, T.II, Livro XXV, XLVIII, Paris, 1728, citado por Mariano Olcese Segarra em *Arquitecturas de tierra: tapial y adobe*, Colégio Oficial de Arquitectos en Valladolid, Valladolid, 1993, p. 18.

⁽³⁾ Op. Cit., p. 34.

FERNANDO PINTO,
Arquitecto